



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

Um Relato Sobre o Ensino de Filosofia na perspectiva de um Residente:
O Tempo Filosófico

Jônatas Medeiros Júnior

Brasília/ DF
2021

Universidade de Brasília – UnB

Jônatas Medeiros Júnior

**Um Relato Sobre o Ensino de Filosofia na Perspectiva de um Residente:
O Tempo Filosófico**

Monografia de conclusão de curso, orientada pelo Prof. Dr. Rogério A. M. Basali, apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Brasília/ DF

2021

"Dieu d'Abraham. Dieu d'Isaac. Dieu de Jacob
non des philosophes et savants." PASCAL, Blaise.
Memorial

Resumo

A presente monografia é uma reinterpretação das experiências vividas durante o projeto Residência Pedagógica, subprojeto Filosofia, ocorridas entre os anos de 2018 à 2020 dialogando com a obra de Silvio Gallo, Metodologia do Ensino de Filosofia, cruzando o passado com o até então, presente, ano de 2021, em uma busca por compreender qual é o papel do tempo no aprendizado da filosofia e se é possível forjar um conceito como Tempo Filosófico como um período de ensino anacrônico, que visita o passado no presente, apresentando novas perspectivas futuras.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Silvio Gallo, Tempo, Aprendizado e Conceito.

Abstract

This monograph is a reinterpretation of the experiences lived during the Pedagogical Residency project, Philosophy subproject, which took place between the years 2018 to 2020 dialoguing with the work of Silvio Gallo, Metodologia do Ensino de Filosofia, crossing the past with the present, year 2021, in a quest to understand what is the role of time in learning philosophy and whether it is possible to forge a concept like Philosophical Time as a period of anachronistic teaching, which visits the past in the present, building a new future perspectives.

Sumário

1. Introdução: A Peste e a Residência.....	8
2. Residência Pedagógica: a Experiência como Resposta	11
2.1 A Experiência de Observar.....	13
2.2 A Experiência de Executar o Projeto.....	14
I. Questionário.....	15
II. Aulas.....	20
3. O Tempo Filosófico.....	24
3.1 O que capacita o professor de filosofia?.....	25
3.2 Voltando ao tempo.....	27
4. Regresso.....	30
4.1 A filosofia é feita a partir de uma definição.....	31
4.2 A definição inevitavelmente interpreta as vivências.....	33
4.3 As vivências são problemáticas.....	34
4.4 O jogo.....	35
5. Conclusão: Hoje.....	40
Bibliografia.....	44

1. A Peste e a Residência

Há um ar fúnebre nestes tempos incompreensíveis. Quando Gilles Deleuze e Félix Guattari escreviam em 'O que é a Filosofia?' (1992) sobre o mundo ser caótico e que está nas mãos da ciência, da arte e da filosofia, mergulhar nesse caos para trazer dele diferentes sabedorias, conhecimentos e afetividades, dificilmente, enxergaríamos os desdobramentos desse tipo de descrição da realidade para os nossos dias.

Filósofos não são profetas, apesar de muitas vezes seus escritos serem vistos como predições, o que leva a interpretação de que o escritor X está falando do evento Y que, por acaso, aconteceu 200 anos depois de sua morte é mais uma expectativa do leitor do que de fato uma mensagem divina sobre o futuro, no entanto não há como negar a leitura comumente anacrônica da filosofia, onde os métodos mais rigorosos de hermenêutica serão dobrados ao entrar em contato com o corpo que vive no tempo que se chama hoje, a leitura estrutural trabalha com o "como se pode ler", mas a vida determina, quem, o que e de onde se está lendo, o que torna inevitável os paralelos entre o lido e o vivido. Por isso vale ressaltar que filósofos não são profetas, todavia seus registros podem ser interpretados a partir de acréscimos não previstos, o que importará é a solidez do argumento que conduzirá até o paralelo interpretativo mais próximo.

A descrição dos filósofos franceses é constrangedora quando vista do lado de cá, o hoje brasileiro é um período tão complicado que até mesmo o nosso ano está descompassado com o calendário acadêmico, agora estou no ano de 2021 tentando concluir o ano de 2020. É preciso ter no mínimo duas vidas para compreender o caos que está engolindo o Brasil, por isso busco fazer o trabalho que Deleuze e Guattari discutiram em 'O que é a Filosofia?' mergulhando no caos incontrolável, incontornável, acontecido, porém do meu jeito, buscando direcionar a leitura do caos à natureza filosófica educacional. Cruzarei dois tempos, o primeiro será o período da Residência Pedagógica e o segundo é o agora, o momento da monografia. Tão logo algumas explicações são

necessárias.

Em 2019, enquanto frequentava o Centro de Ensino Médio 01 do Gama– vulgo CG –, durante o trabalho com a Residência Pedagógica subprojeto Filosofia, busquei na literatura filosófica orientada para a educação e ensino de filosofia um método que contemplasse os três problemas que instituí como núcleo de investigação: 1. *A Filosofia no Ensino Médio é excessivamente preocupada em se definir*; 2. *Na tentativa de se definir, a Filosofia se perde entre conceitos excessivamente abstratos*; 3. *Quando a Filosofia se perde tudo o que sobra é confusão*. Os pressupostos que me guiaram na formulação dos problemas confundem-se entre memórias pessoais de um ensino de filosofia no ambiente de escolas privadas e uma expectativa preconceituosa em relação ao ambiente do ensino público.

Tendo em vista que a linha de pesquisa adotada era um subtema dentro do trabalho estabelecido pelo Prof. Rogério Basali durante a Residência Pedagógica cujo título é “*Skholé: filosofar e ensinar a filosofar*” se faz necessário dois passos para trás estabelecendo com clareza os pontos que motivaram a formulação dos três problemas citados no parágrafo anterior.

“*Skholé: filosofar e ensinar a filosofar*” se estabelece como uma resposta à dicotomia de pesquisa e licenciatura filosófica, em vez de dois reinos do conhecimento, divididos entre superior e inferior, é possível encarar estes dois termos como complementares, a pesquisa que auxilia e dá métodos para a sala de aula e o ensino que motiva e cria novas pesquisas. Dentre essas motivações que geram novas pesquisas e métodos, o termo *Skholé* (*σχολή*) funciona como um catalisador de problemas filosóficos, afinal, o substantivo feminino grego que foi absorvido pelo latim como um substantivo neutro, *Otium*, é visto dentro da História da Filosofia Ocidental como a descrição do instrumento necessário para o labor filosófico, o tempo livre. Ora, estabelecendo uma

relação direta entre o termo latino e seu correspondente em português, ócio, fica difícil responder por quê a filosofia pode ser relevante para quaisquer tipos de alunos, seja de ensino básico, seja de ensino superior. As agendas dos alunos estão ocupadas com a vida, com as festas, com as séries, com as provas, com as aulas, com os jogos, com qualquer outra coisa, menos com o ócio.

Assim os três pontos surgiram como um argumento silogista mal formulado em busca de uma resposta que satisfizesse as demandas de um período em que a filosofia nas escolas estava sendo atacada por todos os lados, afinal, em 2019, o Brasil estava passando pelo primeiro ano da Peste, o governo Bolsonaro.

No dia em que escrevo a introdução deste trabalho o Brasil já perdeu mais de 300 mil pessoas para a Covid-19, os problemas que agora encaro com urgência é a reflexão do que é mais importante para os alunos pensarem neste momento, pois por um lado temos a necessidade de compreender o que estamos vivenciando e por outro não queremos mais pensar no que está acontecendo, como futuro professor não posso negar as marcas que o agora está criando em nossa forma de experienciar o mundo. Pode parecer deslocado, mas os primeiros problemas instituídos em 2019 durante a Residência Pedagógica se comunicam agora com o último de 2021, porque a Peste daquele período é a mesma de hoje.

2. Residência Pedagógica: A experiência como resposta

A Residência Pedagógica foi um projeto implementado em 2018 com vistas para o aperfeiçoamento dos licenciandos, um modo de tornar as fronteiras entre escola pública e universidade mais estreitas, com o adicional de que apenas os alunos que já completaram, pelo menos, 50% do curso podem participar da seleção, o que parece ser um grande ganho já que há o trabalho do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) para os semestres iniciais onde o aluno de licenciatura pode confirmar a sua vontade em seguir a carreira docente através da experiência com a sala de aula ainda como calouro na universidade e, nos próximos semestres, quando o período do PIBID acabar, aperfeiçoar suas técnicas na Residência Pedagógica.¹

Em 2018, ingressei na primeira configuração do projeto de residência na filosofia, que durou 1 ano e meio, dividido em três etapas, ambientação, trabalho e elaboração e entrega de relatório com descrição de atividades implementadas e comprovação de horas trabalhadas.

A etapa da ambientação foi uma sequência de reuniões durante o final do ano de 2018 com o orientador do projeto na filosofia Prof. Dr. Rogério Basali acompanhado dos professores preceptores que dali em diante estariam nos supervisionando nas escolas. Foi durante essas reuniões que instituí os três problemas, na minha perspectiva, da filosofia no ensino médio: preocupada demais em se definir, perdida em conceitos abstratos e confusa. A elaboração desses problemas estava totalmente pautada em memórias das minhas aulas de filosofia em escola particular onde o professor só falava coisas que aborreciam os alunos criando barreiras entre o ensino e a aprendizagem, as aulas pareciam não ser planejadas, o que trazia consigo sempre uma pergunta dolorosa

¹ Fontes para consulta a respeito dos programas: PBID – <https://uab.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>
Programa de Residência Pedagógica – <https://uab.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>

“Para quê eu vou precisar disso?”, tão logo durante as reuniões, a imagem de que a escola pública seria muito pior do que a minha experiência como aluno de filosofia em escola particular se tornava cada vez mais concreta pela minha falta de experiência com a escola, assim em vez escutar as críticas e depoimentos dos professores e ex-alunos de escolas públicas como um incentivo para a elaboração de um projeto que alcançasse todo tipo de aluno, o foco tomado foi de se afundar mais na crítica preconceituosa.

Em 2019, terminada a ambientação, restava trabalhar e relatar todo tipo de atividade, desde observação até as ministrações de aulas sob a supervisão do professor preceptor. A escola que frequentei durante esse período foi o Centro de Ensino Médio 01 do Gama sob a supervisão do Pf. Me. Patrique Lamounier. O trabalho efetuado em ambiente escolar se dividiu entre as turmas dos três anos do ensino médio, éramos um grupo de sete pessoas e podíamos transitar entre as turmas e os anos de acordo com o planejamento da semana, por exemplo, a primeira área de atuação que tivemos a oportunidade de participar era a de ensinar filosofia a partir das obras do PAS, assim qualquer um do grupo poderia assumir um ano do ensino médio para ensinar as obras correspondentes a etapa do PAS que seria realizada, cada um teria, pelo menos, uma aula planejada que pudesse ser aplicada para qualquer turma, mas para além disso, até nas observações durante as ministrações de outros docentes nós poderíamos assistir e buscar métodos diferentes para o ensino de filosofia, o professor Patrique era o nosso supervisor, no entanto o CEM 01 do Gama se envolveu com o trabalho a tal ponto de termos a liberdade de realizarmos o projeto em qualquer turno sob a supervisão de outros professores além do nosso supervisor oficial.

Não demorou muito para que a experiência da residência destruísse a má formulação investigativa dos três problemas já mencionados.

2.1 A Experiência de Observar

O progresso do período de observação em sala de aula foi marcado pelo acompanhamento de turmas de 1º e 2º ano que possuíam diferentes professores em diferentes turnos. Durante o ano de 2019 o CEM 01 do Gama optou por deixar todos os primeiros anos para a tarde, enquanto os segundos e terceiros ficavam todos pela manhã, configurando alguns desafios aos professores, como a possível ausência de liberdade para trabalhos em turnos contrários como feiras culturais, recuperações, aulas e palestras. Apesar disso a infraestrutura do colégio é perfeita contando com um 'cantinho' de leitura, uma sala de projeção, um auditório reformado, internet wi-fi, uma área de computação com computadores funcionando disponíveis aos alunos, um local para atendimento psicológico, além das numerosas salas de aula, quadra esportiva, banheiros e bebedouros mais do que suficientes para atender as demandas necessárias aos dois turnos. O problema com os trabalhos em turnos contrários era só por questão de logística, pois um professor poderia decidir dar uma recuperação em um dia que coincide com uma tarefa que os alunos estão preparando na única sala disponível naquele turno devido a uma limitação de equipamentos, como um datashow ou um som, o que não significa que não haveria outros lugares dentro da escola onde a recuperação poderia ser trabalhada.

As turmas do primeiro ano possuíam dois professores de filosofia, enquanto as turmas de segundo tinham duas professoras. A experiência da observação se tornou um contraponto aos problemas que eu tinha em mente para o progresso da pesquisa, pois o primeiro problema sobre a filosofia perdida em inúmeras definições não se provou verdadeiro ao acompanhar estes quatro professores em suas respectivas aulas, pois todos eles tinham pré-determinado o conceito de filosofia sem perder de vista a demanda externa dos vestibulares, PAS e ENEM.

Cada professor tinha o seu estilo de abordar a disciplina de filosofia, os professores do primeiro ano apostavam em debates, práticas de leitura das obras previstas no PAS e intervenção filosófica, enquanto as professoras do segundo ano apostavam em aulas expositivas com utilização de datashow, slides interativos, utilização das redes sociais e práticas de leitura dos textos previstos no PAS. O que distinguia cada professor eram as diferentes maneiras de conceber o que é filosofia, enquanto no primeiro ano o professor H² apostava em escrita de textos e debates sobre os escritos, o professor E era voltado para a prática de um debate que está muito próximo de uma filosofia salutar helenista como Epicuro e Marco Aurélio, a professora D, do segundo ano, se utilizava de uma filosofia moderna cartesiana e lógica para ensinar sobre respeito e maior idade intelectual kantiana, já a professora V era uma nietzscheana popular, que monta uma filosofia política sem partidos definidos com total incentivo pela liberdade e autonomia rebelde do pensamento.

Tão logo este meio de trabalho filosófico com professores tão distintos que se organizavam entre si equilibrando entre as demandas dos vestibulares e a preservação de sua própria cosmovisão filosófica, tornam o segundo e o terceiro problemas irrealis já que a definição de filosofia trazia consigo consistência no trabalho, organização das abordagens e clareza didática na exposição de diferentes conceitos.

2.2 A Experiência de Executar o Projeto

O período de execução teve início com uma aula para o segundo ano sobre algumas obras do PAS voltadas para a filosofia e terminou com a condução das atividades de recuperação para o terceiro ano, no entanto é propício incluir uma pesquisa

2 Me utilizei de letras para preservar a identidade dos professores, no entanto todos eles estão registrados nos relatórios apresentados ao final do período de trabalho na Residência Pedagógica.

feita através do *google forms* com os alunos de ensino médio que, apesar de ter apenas 36 respostas, possui um valor especulativo importante.

I. Questionário

O questionário³ possui oito perguntas, sendo quatro de múltipla escolha e quatro dissertativas, as três primeiras perguntas são de dados sociais: qual ano está cursando, em que cidade mora, como se enxerga quanto a renda familiar. E as cinco perguntas restantes são voltadas para o ambiente de sala de aula: como descreveria seu professor de filosofia, o ensino de filosofia é importante, se costuma pensar sobre o conteúdo de filosofia, se consegue citar um conteúdo que o fez refletir sobre a sua vida e, por fim, responder, sem pesquisa prévia, o que é Filosofia.

É importante frisar que a pesquisa, apesar de poucas respostas, possui representatividade de todos os três anos do ensino médio com considerável diversidade geográfica entre Distrito Federal e Goiás, das 36 respostas, 20 se declaram moradoras do Gama e 2, apesar de serem habitantes geográficos da região Gama, se declaram moradoras da Ponte Alta, e as outras 14 respostas se dividem entre Santa Maria, Taguatinga, Valparaíso, Cidade Ocidental, Jardim Ingá, Céu Azul e Novo Gama.

A finalidade do formulário era capturar os alunos que não consideravam a filosofia como importante para que houvesse um mapeamento geral do descontentamento com o conteúdo ministrado, ele foi enviado no mês de novembro de 2019 para cerca de 210 alunos, a escolha do mês pode parecer um equívoco, porém o regime adotado pelo colégio é o de semestralidade o que fazia com que nem todos os alunos tivessem um contato considerável com os conteúdos do ano correspondente, por exemplo, as turmas

3 O questionário pode ser acessado a partir do endereço eletrônico: <https://forms.gle/eiGciLDyfC8zzaQcA>
Bem como todas as respostas podem ser acessadas a partir do endereço eletrônico:
<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MjWLiGVMVQA7LIUPSb-1BJ-pxHXEv1n-F4gCUu8IaI/edit?usp=sharing>

de A até H, no primeiro semestre, tinham sociologia, enquanto as turmas de J até O, tinham filosofia, não obstante, no segundo semestre essas turmas trocavam de matéria, o primeiro conjunto passaria a ter Filosofia e o segundo Sociologia. Logo a escolha do mês foi para que a primeira leva de respostas fosse de pessoas já experimentadas no aprendizado de filosofia programado para aquele ano, buscando os alunos não satisfeitos para traçar algum padrão que garantisse uma nova formulação aos problemas de pesquisa.

Seis alunos registraram que o ensino de filosofia não é importante, quatro do terceiro ano, um do segundo e um do primeiro. Dentre os alunos do terceiro ano apenas uma resposta pode ser interpretada como um descontentamento em relação a figura do professor, pois dentro da pesquisa, nenhum aluno desse ano disse algo de exclusivamente negativo sobre seu professor. A resposta dada a pergunta “Em apenas uma palavra: Como você descreveria seu professor de filosofia?” foi “Intrigante/Arrogante”⁴. Essa resposta, isolada, não garante nenhum tipo de interpretação segura em relação a figura do professor, no entanto, devido ao universo pequeno de respostas e uma quantidade considerável de alunos do terceiro ano afirmando a não importância do ensino de filosofia é de se suspeitar que, em algum momento, o docente ajudou a criar alguma barreira, levando em consideração que é no último ano do Ensino Médio que os alunos têm conteúdos de Ética, Política e Estética, e pensando no momento político que estávamos vivenciando no ano de 2019, o primeiro ano do mandato do Pres. Jair Messias Bolsonaro, talvez o medo de ser o próximo professor filmado como “doutrinador”⁵ o tenha impedido de demonstrar a importância da filosofia, sendo honesto em seus posicionamentos e debatendo as diferentes ideias em sala de aula, o que pode

4 Linha 26 da planilha: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MjWLiGVMVQA7LIUPSb-1BJ-pcxHXEvIn-F4gCUu8IaI/edit?usp=sharing>

5 A pesar da notícia ser em 2018 ela continua repercutindo um medo que foi se infiltrando dentro do ambiente de sala de aula, com a premissa da doutrinação: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/deputada-estadual-do-psl-eleita-por-sc-incita-alunos-a-filmar-e-denunciar-professores.ghtml>

tornar a aula em um ambiente massante de ideias abstratas e conceitos mortos onde alunos não se conectam nem para odiar o professor, apenas o veem como arrogante e intrigante, duas palavras que podem significar distante.

Incluindo a resposta do parágrafo anterior, existem mais duas de alunos do terceiro ano que considerei como contradições aparentes⁶, em níveis distintos, pois o aluno que chamou o seu professor de “Intrigante/arrogante” persiste em seu posicionamento negando a importância da filosofia, negando que ela possa intrigá-lo após uma aula, porém afirma que tudo que se passa na Grécia o fez refletir sobre a sua vida. As outras duas respostas negam a importância da filosofia e admitem que as aulas são intrigantes o suficiente para que eles pensem para além da sala de aula, e os mesmos dois respondem o que é filosofia, ao contrário da resposta do parágrafo anterior que responde a essa questão com um enfático “Não sei!”, a contradição aparente dessas três respostas é o fato de não enxergarem a importância do ensino, mas todos são encantados com algum aspecto que aprenderam da filosofia. O aluno que diz não para todas as perguntas e não responde o que é filosofia, diz “Tudo que se passa na Grécia” é algo que o fez refletir, já os outros dois dizem que costumam refletir nos conteúdos de Ética, em seus exemplos práticos. Logo, pode-se especular que: 1. Eles não veem importância no ensino porque filosofia é algo que já está no dia a dia e ninguém precisa de uma iniciação formal para pensar sobre questões cotidianas; 2. Eles não se importam com o ensino como um todo, não só em relação a filosofia, mas em relação a qualquer coisa que não pareça praticável; 3. Estamos diante dos efeitos de opiniões irrefletidas. Independente dessas especulações é admirável perceber que o conjunto das contradições aparentes é a demonstração do conceito que adoto aqui como Tempo Filosófico, algo que será explicitado mais tarde, mas é como dizer que o corpo já foi infectado pelo vírus “filosofar” e que basta mais algum

6 Linhas 28 e 35 <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MjWLiGVMVQA7LIUPSb-1BJ-pxHXEv1n-F4gCUu8IaI/edit?usp=sharing>

tempo para que ele manifeste todos os sintomas.

Há o conjunto das repostas coerentes⁷, uma resposta do terceiro ano e uma do primeiro ano. A coerência é algo ligado a expectativa escolar das experiências com o conteúdo, pois, em relação aos alunos de primeiro ano, é esperado que nenhum deles tenha maturidade para afirmar alguns conceitos e até mesmo a escrita demonstra essa insegurança, logo a resposta esperada para “O que é filosofia?” é no máximo “Amor a sabedoria” e no mínimo, “Não sei”, já em relação ao terceiro ano, a resposta a mesma pergunta precisa ter um grau de certeza no que se está dizendo, mesmo que seja uma resposta errada, é necessário que haja uma argumentação minimamente coerente para qualquer questão dissertativa. Assim essas duas repostas mencionadas, seguem seus respectivos padrões, a de primeiro ano, diz que o ensino de filosofia não tem importância, surpreendentemente, o conteúdo em sala de aula a faz pensar, porém não sabe dizer qual é o conteúdo que a faz pensar e, no fim, responde que a filosofia é “O estudo da vida? Não sei”. A resposta de terceiro ano diz não para a importância do ensino de filosofia, não para a capacidade de fazer pensar e, por fim, responde que a filosofia é o estudo dos filósofos. Essa última resposta é pertinente, porque de fato há uma expectativa de que a filosofia se resume em comentar filósofos, deixando de lado coisas como retórica, lógica, epistemologia, estética, ética, metafísica, teologia, dentre outras coisas que são campos férteis para o ensino médio, não é de se admirar que autores como Silvio Gallo⁸, indiquem para o trabalho em sala de aula os grandes temas da humanidade, vida, morte, felicidade, emoções, beleza, o mal⁹. Educadores populares como Clóvis de Barros Filho, Luiz Felipe Pondé, Márcia Tiburi, Viviane Mosé são profissionais que levam adiante a perspectiva de uma filosofia que responde as questões

7 Linhas 17 e 18 <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MjWLiGVMVQA7LIUPSb-1BJ-pxcHXEv1n-F4gCUu8IaI/edit?usp=sharing>

8 Todas as citações presentes neste trabalho referentes ao Silvio Gallo seguirão a obra: Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio/ Silvio Gallo – Campinas, São Paulo: Papirus, 2012 1ª Ed.

9 Silvio Gallo, p. 42

do agora, mesmo com toda roupagem que pode ser ofensiva aos mais acadêmicos, não há como desviar-se da importância que é responder ao outro uma questão que para ele é relevante, a escola é exatamente o ambiente onde o professor precisa instigar seu aluno a pensar, pelo menos, em si próprio.

Por fim, há o conjunto unitário da resposta contraditória, não quero com isso torná-la menos importante, contradições são áreas de estudo da lógica¹⁰. Encontrar uma contradição não é o mesmo que reduzir ao absurdo e por isso levarei em consideração a resposta do aluno de segundo ano¹¹, a última das que nega a importância do ensino de filosofia. Ele responde que sua professora é “Esplêndida”, afirma pensar nos conteúdos expostos, responde que nenhum conteúdo o fez refletir sobre a vida, pois, em suas palavras “só estudo teorias” e, finalmente, responde que a filosofia é a “ciência do porquê”. Embora pareça uma resposta razoável se elencarmos como pressupostos o conteúdo do segundo ano que envolve filosofia da ciência, ceticismo, epistemologia, lógica, Kant e o início da decadência da razão moderna, essa resposta perde a força. Dizer que não reflete sobre a vida porque só aprende teorias é o mesmo que não perceber que sem teoria não há prática decente, e é muito provável que esse aluno que entende filosofia como a ‘ciência do porquê’ não tenha refletido sobre a importância de ser iniciado em um método para essa ciência ser aplicada, aqui jaz a contradição, como algo é científico e não é importante de ser ensinado? Não obstante, se ele encara a filosofia como ciência e diz que não a aplica por aprender apenas as teorias, em algum momento não foi explicitado a ele que a ciência trabalha com preparação teórica e execução para confirmar ou negar uma teoria. Em outras palavras, qual foi o incentivo que faltou para que houvesse testes de porquês? Nenhuma teoria filosófica exposta em sala de aula é para ser apenas estudada, ela deve ser levada a teste, se o teste não acontece, não há

10 Newton da Costa; Os Fundamentos da Lógica p.204

11 Linha 20 <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MjWLiGVMVQA7LIUPSb-1BJ-pxcHXEv1n-F4gCUu8IaI/edit?usp=sharing>

aprendizado.

II. Aulas

As aulas que ministrei foram a parte executiva por definição, pois é o momento que o trabalho de pesquisa cruza a linha do espectador em direção a atuação em campo, se os três problemas falharam enquanto perspectiva observacional ainda havia esperança de que na etapa de execução um dos problemas pudesse vigorar como evidência mínima de que a filosofia é problemática para o ensino médio devido ou a falta de definição, ou ao conteúdo excessivamente abstrato, ou a confusão, senão no agir dos professores, então no pesquisar por métodos, no entanto, nenhum estudante atento negaria a importância educacional dada pela própria filosofia. Importância essa que garantiu o registro de todo o cânone filosófico, a história ocidental registra mestres e discípulos. A filosofia não existe sem o ensino, até a escrita dos filósofos envolve uma pedagogia, doutra sorte a filosofia nunca teria importância.

Assim não havia meios de produzir uma aula de filosofia sem a preparação de um método, sem um planejamento, não apenas por conta do peso histórico do conteúdo complexo que deve ser simplificado, mas também por causa do nível de aulas que o próprio CEM 01 oferta aos seus alunos. Todos os alunos respeitavam os professores de filosofia em sala de aula, todo o conteúdo era ministrado com a participação da turma e cada método adotado pelos professores parecia ser bem estabelecido, logo, todas as turmas esperavam, no mínimo, uma boa aula.

As aulas ministradas seguiram o ideal de que a filosofia nunca foi solitária, sempre está acompanhada de algum conhecimento prévio de outras disciplinas, e, por isso, ela é interdisciplinar desde sua origem.

As aulas podem ser divididas em dois grupos, curriculares e obras do PAS. O

grupo de aulas curriculares são todas aquelas que foram planejadas no início do semestre pelo corpo docente responsável pela matéria. E a minha atuação dependia do método avaliativo dos professores titulares, por isso essa etapa foi marcada por três aulas importantes, não que outras aulas não tenham sido ministradas, mas para evitar um trabalho demasiadamente extenso, destaco as três primeiras aulas que ministrei, afinal elas foram a minha primeira experiência enquanto estagiário-pesquisador, duas aulas foram ministradas para o segundo ano e uma para o primeiro ano.

As aulas planejadas para o segundo ano eram sobre lógica aristotélica e simbólica, capítulo 8 do livro *Filosofando* das autoras Maria Lúcia Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, foi surpreendente descobrir que o material escolar vinha acompanhado de dicas didáticas e metodológicas em cada capítulo, mas recorri a minha própria formação em lógica para preparar o conteúdo, dividi-o em dois momentos, a apresentação da lógica aristotélica em um histórico, a definição de alguns conceitos importantes e a apresentação de falácias, depois haveria um segundo momento de apresentação da lógica simbólica, os problemas da lógica sem uma linguagem definida e tabela verdade com linguagem matemática. O primeiro momento foi planejado para durar uma aula inteira, pois o recurso didático encontrado para tornar a lógica importante aos discentes foi mostrar a urgência que é compreender falácias analisando discursos políticos, argumentação em discussão de relacionamentos e o pensamento indutivo e dedutivo para interpretar dados da realidade através dos olhos de um detetive qualquer.

O segundo momento, muito mais complicado para alunos que nunca se interessaram por questões matemáticas, foi planejado com vistas para a área da informática, iniciando com algumas definições lógicas sobre verdade dentro das obras de Aristóteles e introduzindo, tabela por tabela, cada operador lógico, valorizando o conhecimento do aluno buscando dizer em cada explicação que os símbolos

apresentados estavam escondidos no campo da linguagem, ninguém que é aprendiz de uma língua é capaz de ler uma frase sem antes traduzi-la para a sua própria língua, assim os exercícios, ao final da aula, foram um método de tradução para os operadores lógicos, pegando frases em português e traduzindo para símbolos. Em ambos os momentos a aceitação das turmas de 2º ano foi reconhecida pelos próprios alunos que comentavam as aulas durante os intervalos.

A aula ministrada para o primeiro ano envolvia uma introdução sobre os sofistas, desenvolvimento em Platão e Sócrates e, por fim, um breve comentário sobre a obra do PAS Apologia de Sócrates. Assimilar a interpretação platônica de sofistas a “coachings” foi o início da aula e por mais que seja um anacronismo o comportamento sofístico de relativização da verdade em busca de dinheiro e organização de discursos para uma vida de sucesso não é muito distante da bagunça que se tornou a área do “coaching”. Ora, com esse gancho, Platão pode ser apresentado como o discípulo de Sócrates que mais buscou a verdade para evitar as mentiras daqueles que diziam saber as coisas, para evitar a terraplana, a vacina que causa autismo, o presidente com síndrome de messias, para evitar as sombras da caverna. A conclusão da aula estava na apologia de Sócrates, o lugar onde o discurso sofístico é humilhado, mas o filósofo morre, logo a importância da figura socrática é perceber que pensar é perigoso. Alguns alunos fizeram conexões entre a Alegoria da Caverna e a Apologia de Sócrates pensando sobre questões que envolviam ciência, religião e política.

No grupo de aulas sobre as obras do PAS ressaltou a interdisciplinaridade. Nenhuma obra parecia ter sido escolhida com vistas para uma matéria, na verdade, até os livros filosóficos necessitavam de articulações com outras disciplinas, e esse foi o trabalho. Ministrei conteúdos sobre Machado de Assis e o estado de natureza do homem, música com antropologia filosófica, política com David Thoreau e Hannah Arendt,

biologia com Nietzsche, sociologia com Foucault, todas as matérias ministradas com vistas para o rendimento do conteúdo, para que houvesse interdisciplinaridade através do fio condutor que a filosofia gerava a partir de seus conceitos. Essas conexões foram estabelecidas a partir da interpretação de que nenhuma ciência, nenhuma arte, nenhuma filosofia parte de referências exclusivas, portanto as referências que desenvolvem uma ciência ou uma arte sempre são encontradas em algum ponto da experiência humana.

A partir desse ponto, encontrado no conteúdo das obras do PAS, que houve a necessidade de buscar uma metodologia mais precisa e coerente com a proposta deste trabalho reestruturando os problemas. E foi através do livro Metodologia do Ensino de Filosofia de Silvio Gallo que consegui contemplar com precisão o problema que eu queria instituir. A proposta do autor é a de que a filosofia só pode ser ensinada se tiver uma definição para o próprio professor, a pergunta sobre “O que é Filosofia?” não é ingênua, a intenção só é pueril quando a tentativa de resposta está baseada em uma interpretação livre de influências, e é essa a clareza estrutural que Silvio Gallo traz ao dizer que “A não escolha clara de uma perspectiva filosófica pode levar a um perigoso ecletismo”¹², ou seja, não ter um posicionamento filosófico para ensinar filosofia é deixar a confusão imperar, não há possibilidade de ensino sem a clara definição do que se está ensinando, assim Silvio Gallo dá a definição de Deleuze e Guattari como norte para a sua proposta de método “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”¹³, nessa perspectiva o ensino de filosofia é o ensino que incentiva a criação de conceitos em sala de aula. Uma proposta ousada de levar o aluno ao patamar de filósofo que busca soluções através dos conceitos. Logo, em vez de filosofia com excesso de definições, conceitos abstratos e confusão, o que se bota no lugar é 1. A filosofia é feita a partir de uma definição; 2. A definição inevitavelmente interpreta as vivências; 3. As vivências são

12 Silvio Gallo, p.38

13 Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1992). O que é a filosofia?. Rio de Janeiro: Ed.34; p.10

problemáticas.

3. O Tempo Filosófico

Não é cansativo reforçar que os resultados são claros, se e somente se, há clareza no discurso que conduz até eles, tão logo, é necessária a apresentação conceitual de Tempo Filosófico, apesar de que a definição de tempo possa parecer mais empolgante, este escritor de monografia não tem o gabarito de Santo Agostinho nem formação em física para especular sobre o tempo de modo profundo.

O termo Tempo Filosófico é uma paráfrase de um conceito encontrado no apêndice do livro A Religião de Platão, de Victor Goldschmidt, intitulado “**Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos**”¹⁴, nesse texto, fica nítida que a intenção do autor é demonstrar a função da filosofia enquanto instrumento hermenêutico a partir do método de explicitação de estruturas, algo que alcança um patamar exegético de esclarecimento de discursos textuais. O trabalho do filósofo seria o desnudar das estruturas argumentativas, remontando o pensamento redigido pelos mais diversos autores expondo métodos e doutrinas, tão logo, há de ser compreendido que todo trabalho demanda tempo: “Ora, falar de movimentos e de progressão é, a não ser que fique em metáforas, supor um tempo, e um tempo estritamente metodológico ou, guardando para o termo a sua etimologia, um *tempo lógico*”¹⁵.

A paráfrase mencionada foi uma adaptação grosseira do tempo lógico desenvolvido por Goldschmidt de um tempo onde a relação leitor-filósofo é estabelecida para fins de compreensão de movimentos e progressões para um tempo implantado em sala de aula que extravasa os muros da escola e as limitações acadêmicas provocando *Skholé*. Indo

14 Goldschmidt, Victor; A Religião de Platão Trad. IEDA e Oswaldo Porchat Pereira, Difusão Europeia do Livro, São Paulo; 1970 p. 139

15 Goldschmidt, Victor; A Religião de Platão. p.143

direto ao ponto, a proposição do tempo ser filosófico e não de outra ordem, como pedagógico ou reflexivo, está compreendida na concepção de que ensinar filosofia é filosofar¹⁶, não obstante aprender filosofia é ser iniciado no mesmo verbo que capacita o professor a ensinar.

3.1 O que capacita o professor de filosofia?

A obviedade da pergunta pode insultar aqueles que trabalham a muitos anos com o ensino, no entanto a possibilidade de uma resposta que satisfaça a questão se coloca quando a solução recorrente é sobre o grau de estudo do professor, ele é quem é por ter se graduado na área. Ora, tal afirmação é coerente, no entanto, pelo menos no caso da filosofia, a graduação não é sinônimo de professorado. Há questões aqui, acredito eu, que deveriam ser apresentadas a todo licenciando na área, pois apesar de serem questões que aparecerão em algum momento da formação não deixam de ser importantes em todos os momentos, já que toda a formação precisará de um propósito maior do que ensinar história da filosofia.

Uma das conversas mais comuns entre os graduandos é o sonho de dar aula para o ensino superior e o pesadelo de dar aula para o ensino médio, mesmo entre licenciandos há aqueles que a empolgação em dar aula aparece apenas quando se está perto de profissionais considerados bem-sucedidos na área, o que gera um sentimento padrão de insatisfação pelos alunos do ensino básico antes de se pisar em uma escola. É o tipo de senso comum que leva um aluno a ir em campo de atuação com três perguntas mal formuladas, mas cheias de esperanças para produzir uma nova visão sobre a educação filosófica. Acredito que é por isso que há projetos como o PIBID e a Residência

16 Metodologia do Ensino de Filosofia "Ensina-se filosofia (isto é, o conteúdo) ou o filosofar (isto é, o processo)?
Trabalhar a filosofia como atividade nos remete para uma dimensão em que o processo não se separa do produto"
p.62

Pedagógica onde a bolsa se torna o incentivo para que o licenciando abandone suas concepções de experiências isoladas experimentando novos horizontes, no entanto somente a atuação em campo não é suficiente para capacitar um professor de filosofia.

Não é nenhuma novidade que a sobreposição de horizontes entre teoria e prática é o objetivo que deve ser contemplado pelos futuros professores, o problema é a falta de respostas pelo como essa união pode acontecer, porque compreender o paradigma educacional como uma exploração teórica e prática não é nada mais do que memorizar uma resposta, agora estar apto e se sentir capaz de dar uma aula seguindo esse plano é o que torna o paradigma necessário, assim, a questão que gostaria de levantar é o que garante que a união é real?

Toda união é celebrada a partir de um símbolo, ela só existe quando com isso se adota um pressuposto que suportará o sistema “teoria-prática”, no caso da filosofia a teoria e a prática dependem daquilo que induz o pensamento, ou seja, dependem de uma definição prévia dada pela própria concepção filosófica do indivíduo que com ela se relaciona.

O que capacita o professor de filosofia é a sua própria concepção de filosofia, tal como Sívio Gallo expõe em sua obra a filosofia definitivamente é “ensinável” e “aprendível”¹⁷, no entanto a ensinabilidade e a aprendizibilidade são níveis distintos de relação com o conteúdo filosófico, pode-se compreender que o par teoria-prática está apenas conectado com a parte “ensinável” enquanto a “aprendível” é alheia aos métodos mais rigorosos de absorção de conteúdo. Um professor sempre está em um movimento de aprendizagem e ensino, a peculiaridade do docente em filosofia é que o movimento é filosofar “a contínua passagem de um não saber ao saber”¹⁸. A filosofia não é feita por sábios que possuem a verdade, ela é feita por seres humanos que possuem desejo pela

17 Respectivamente, p.40 e 45

18 Gallo, Sívio p.48

sabedoria, no entanto a sabedoria é um processo lento que depende da agência individual de se engajar em um problema que busca respostas.

A definição de problema que está sendo utilizada aqui é a de motor do pensamento¹⁹, um conceito deleuziano aplicado ao ensino; o problema é um acontecimento, caótico e imprevisível²⁰, não pode ser sistematizado, sempre é singular e depende de agenciamentos e encontros para a construção do conhecimento que consiga, se não resolvê-lo, no mínimo explicá-lo. Em outras palavras, os problemas surgem e não podem ser controlados pelos métodos, um professor não tem poder de criar problemas para os seus alunos, no mínimo ele incentiva a vivência dos alunos através da filosofia para que cada um se esforce em aplicar os conceitos trabalhados em sala de aula para descobrir os problemas que dão partida no motor do pensamento deles. A proposta de Silvio Gallo é uma abordagem educacional filosófica deleuziana que parte do ponto de vista da antinaturalidade do pensamento alcançando a tarefa máxima da filosofia que é a criação de conceitos. O ato de pensar, nessa abordagem, necessita de um ponto de partida, uma chave para acioná-lo. A chave é o problema que convida o pensamento à destrinchá-lo, buscar nele padrões que não são óbvios e sínteses que possam oferecer uma combinação conceitual das partes do problema, tão logo o objetivo do pensamento filosófico é criar o conceito que melhor se relacione com o problema.

O objetivo do professor, dentro da perspectiva deleuziana de Silvio Gallo, seria remontar os problemas a partir dos conceitos, trazendo para a realidade do aluno o que levou os filósofos a investirem tempo em suas filosofias.

3.2 Voltando ao tempo

19 Gallo, Silvio; p. 70

20 Idem. p. 72

O tempo parece estar sempre envolto de comprometimentos estranhos. A busca por praticidade pode ser usada quase que como sinônimo de menos tempo investido em troca de um retorno desproporcional em qualidade, os vídeos em sites como o youtube e plataformas de streaming ofertam a possibilidade de assisti-los em velocidade dobrado, um vídeo de dez minutos pode ser consumido pela metade do tempo, isso sem falar dos serviços de podcasts e plataformas para estudos que possuem capacidade de triplicar a velocidade. Tanto o investimento pessoal quanto o lazer podem ser feitos em menos tempo para que o consumidor possa viver mais. A questão que fica é viver o que? Não é absurdo perceber que esse tipo de controle do tempo envolve a manutenção de uma mão de obra, faculdades EAD e plataformas de estudos costumam se utilizar da propaganda "você não precisa parar a sua vida para estudar", aprendizagem e ensino são contabilizados em horas que podem ser diminuídas para que a "vida" que é sinônimo de trabalho e utilidade não seja pausada.

Revestidos dessa lógica é que vivemos hoje sob o peso do home office com todo o estresse (el país Brasil), porque o trabalho não pode ter tempo de absorção, ele precisa ser instantâneo, se o conteúdo, ou a demanda, são passados através do computador, então a assimilação deve ser imediata e o que deveria ter tempo e lugar, perde o lugar e domina o tempo, significando que o tempo de lazer e investimento pessoal devem aumentar a velocidade para que os trabalhos externos sejam totalmente atendidos em qualquer dia e qualquer hora, pois ao contrário do youtube as reuniões e as demandas que delas saem não podem ser feitas em velocidade dois. Pensando na situação das aulas online os professores triplicam sua jornada de trabalho balanceando suas atividades entre planejamento, reuniões ao vivo, aplicação de tarefas e gravações para alunos que não possuem acesso a uma internet de qualidade, fora a hiperacessibilidade dos alunos ao professor através de e-mails com dúvidas que não podem ser ignoradas por muito

tempo e a desmotivação que é encontrar turmas que ficarão caladas durante todo o processo de exposição do conteúdo, até dois anos atrás as aulas eram planejadas para que houvesse interrupção, agora elas são roteirizadas como um vídeo qualquer, para os alunos há o desafio da atenção, pois no mesmo local onde está acontecendo a aula está presente a possibilidade de simplesmente ignorá-la abrindo outra aba no navegador e pesquisar sobre qualquer outra coisa que seja interessante naquele momento, assim como para os mais dedicados a desmotivação pode estar dentro de suas casas que não permitem que eles relaxem nenhum segundo de seus estudos rompendo a barreira entre o aluno e o filho, os pais e os professores.

A questão aqui é buscar na filosofia, principalmente no ambiente escolar, o posicionamento que revele o tempo como algo precioso, pois se um dos parâmetros educacionais é formar o estudante como cidadão, seja lá o que isso realmente quer dizer, então oferecer independência interpretativa da vida deve ser um objetivo claro ao ensino de filosofia. Não que com isso o professor se torne ou o conselheiro, ou o profeta, ou o sábio da montanha, ou o psicólogo, ou o coaching, longe disso, o professor de filosofia precisa oferecer o que ele sabe fazer, filosofar, ser sensível aos problemas, analisá-los e aplicar, ou criar, conceitos.

4. Regresso

A preferência de Silvio Gallo em adotar o conteúdo deleuziano para o ensino médio está conectada com o problema da hipermodernidade conceituado por Gilles Lypovetsky o qual constata que a pós-modernidade foi apenas um momento de transição para alcançarmos a hipermodernidade, onde as teses e modelos modernos foram hiperbolizados²¹. De acordo com o próprio Lypovetsky a hipermodernidade é hedonista e psicologista, incitando a satisfação imediata e estimulando a urgência dos prazeres²², algo que estimula no ser humano a velocidade das vivências que se torna um obstáculo óbvio a filosofia que mesmo com todas as alternativas metodológicas para o ensino não pode se firmar na "hipervelocidade", nas palavras de Silvio Gallo: "o pensamento é um exercício de paciência" e mais adiante afirma "Se o exercício de filosofar, o trato com o conceito, é um empreendimento de paciência, ele está fora de nosso tempo"²³, então ensinar filosofia envolve resistir a aceleração do agora para entrar em uma nova relação com o tempo, o que não parece significar um incentivo a um ensino despreocupado com as demandas exteriores, tal como um professor que busca a partir da sua rebeldia evitar os conteúdos dos vestibulares e dos currículos nacionais para empreender uma crítica pessoal alienando seus alunos do mundo, certamente não, já que a obra de Silvio Gallo tem como pilar conceitual a "educação menor" uma referência ao trabalho de Deleuze e Guattari que analisa as subversões feitas por Franz Kafka na literatura alemã contrastando a literatura maior como aquela que estabelece os parâmetros culturais e a

21 Gallo, Silvio, p. 22

22 Idem. p. 23

23 Idem. p.23

literatura menor que se utiliza da maior para subvertê-la²⁴, assim a "educação menor" seria o ensino que subverte os planos nacionais, desloca os vestibulares, sem ignorá-los, ensinando-os ao mesmo tempo que dá pistas de uma crítica explosiva: "A educação menor é fruto da ação militante de professores em sala de aula, agindo em surdina, sem grandes alardes, mas muitas vezes produzindo algo nem mesmo suspeitado pelas 'grandes políticas', apesar delas e para além delas".²⁵ Aqui podemos retomar os três pontos formulados após a experiência com a Residência Pedagógica.

4.1 A filosofia é feita a partir de uma definição

Cada ponto foi reformulado com base na estrutura anterior de investigação adotada para um possível trabalho acadêmico durante o período da Residência Pedagógica, assim, quando a questão "a filosofia para o ensino médio possui um excesso de definições" foi confrontada com a experiência real do CEM 01, houve uma natural substituição de perspectivas devido a própria forma de atuação de cada professor daquela escola, cada um deles possuía uma definição de filosofia e seguia a risca sem diminuir, menosprezar ou evitar, outras definições, porém a razão de ser da primeira formulação persiste na última, pois como já foi dito, a concepção dos termos investigativos estava totalmente baseada na inexperiência com o ensino, no entanto há algo a mais, o primeiro ponto investigativo envolvia uma tentativa desesperada de expor a importância da filosofia enquanto disciplina do ensino médio.

Em 2016, o presidente Michel Temer, através da Medida Provisória 746, impôs a retirada da sociologia e da filosofia, assim como tornou opcional as disciplinas de arte e educação física. Apesar dessa primeira tentativa, a mobilização de estudantes e

24 Idem. p.25

25 Idem. p. 26

professores transformou a MP 746 na Lei 13.415/2017 que contornou a situação garantindo a obrigatoriedade da sociologia, da filosofia, da arte e da educação física no currículo do ensino médio, porém em dezembro de 2018 foi homologada a Base Nacional Curricular Comum onde a filosofia aparece diluída entre outras disciplinas dentro da área "Ciências humanas e sociais aplicadas". Dentro desse ambiente, a formação de filosofia se torna incerta enquanto não prova seu valor, era o pensamento que assombrava minhas reflexões, principalmente quando pessoas como vice presidente Mourão, em pleno período de eleições, 2018, é aplaudido pelas redes sociais por ter criticado o ensino de filosofia pedindo que o currículo de ensino básico focasse em matérias realmente "importantes"²⁶. Após o período das eleições, em 2019, os ataques que antes vinham escondidos em forma de lei e currículo nacional foram anunciados as claras na medida em que dizeres como corte de verbas para a área de humanas são proclamados pelo próprio presidente eleito.²⁷ Ora, é inevitável pensar que os governantes foram eleitos sem considerar que seus discursos representaram opiniões, mesmo que manipuladas ou impróprias, da maioria do povo.

Em alguma medida, a definição de qualquer área de humanas se tornou um constrangimento aos próprios professores ao ponto de que a palavra doutrinação se tornou jargão contra tudo aquilo que não queria ser escutado²⁸, logo a resposta mais fácil é a que não responde nada "o importante é apresentar todas as definições".

A falta de uma definição da parte do professor além de torná-lo em apenas um replicador de conteúdos, tirando total valor de sua aula, torna difícil, porque não impossível, qualquer apresentação de conteúdo. Como um professor explicará o que não pode ser definido? O posicionamento que não pode ser nomeado equivale a o quê?

26 https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/18/interna_politica,706738/mourao-critica-ensino-de-filosofia-e-pede-materias-mais-importantes.shtml

27 <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que-dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escrita-fazer-conta-23623980>

28 https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html

Dentro da filosofia a falta de definição abre portas para uma miscelânea de epistemologias, metafísicas, visões políticas, histórias e posicionamentos que não podem ser abarcados por uma vida. A necessidade de uma definição está mais para coerência do que doutrinação, pois sem assumir uma categoria filosófica a filosofia não pode ser interpretada, simplificada, moldada, conceituada, um professor de filosofia que não se utiliza da filosofia é um paradoxo, no entanto há de ser ressaltado que doutrinar é ensinar a sua definição como a única possível e não como ela realmente é, ou seja, uma definição²⁹. Desta maneira definir a filosofia é ter consciência do que se está fazendo, mesmo que não seja uma definição popular.

Algo que abre debates e cria reflexões nos alunos é ser honesto quanto os conceitos que são trabalhados, nenhum estudante deve ser obrigado a acreditar na definição de Descartes sobre existência, mas todos precisam no mínimo compreender o problema que levou até o conceito e o meio em que isso é trabalhado, ao meu ver, deve assumir a vivência do aluno com o conteúdo.

4.2 A definição inevitavelmente interpreta as vivências

O segundo ponto é uma resposta ao problema de uma "filosofia perdida entre conceitos abstratos", assim como já foi dito, com a definição do que é filosofia e do que se está fazendo em sala de aula a questão sobre "conceitos abstratos" é irrelevante, porém a proposta de exaltar a questão da interpretação das vivências como um passo inevitável em contraponto ao problema preconceituoso é uma reflexão a respeito daquilo que os alunos demonstram a partir do momento que começam a simpatizar com a filosofia. Interpretar e reinterpretar são passos básicos para qualquer ação humana, todos somos inseridos em um jogo semelhante a conceituação wittgensteiniana a partir do momento

29 Gallo, Silvio. p.39

que somos inseridos em um novo vocabulário, assim como Victor Goldschmidt ressalta, a filosofia se envolve no revelar das estruturas. Consciente ou não, o trabalho que realmente desperta nos alunos a curiosidade para se comprometer com algum tipo de reflexão é aquele que é considerado importante para suas vidas.

Durante o período de trabalho na residência pedagógica, as aulas foram marcadas pelas impressões pessoais dos alunos. Mais do que compreensão do conceito de modo abstrato, cada aluno que participava da aula buscava em sua própria vida o episódio que melhor conversava com a lógica, com a falácia, com a identificação dos sofistas, em outras palavras, a filosofia se tornava importante no momento em que os conceitos e definições se encaixavam como meios de interpretação de suas próprias vidas, tal como Silvio Gallo destaca que a sala de aula deve ser idealmente o local onde se promove "articulações e circulação dos conceitos, produzindo autonomia"³⁰, a força inevitavelmente interpretativa envolve construir autonomia sobre as próprias interações do estudante.

4.3 As vivências são problemáticas

O último ponto que era apenas uma consequência dos dois pontos anteriores sobre uma filosofia confusa é substituído por um tópico de reflexão. É possível até dizer que esse tópico atual engloba a confusão. De acordo com Silvio Gallo a filosofia é um ato de resistência ao poder da opinião que busca botar ordem no mundo³¹, assim filosofar é encarar o mundo sem buscar nele um padrão opinativo que resolva as questões.

Compreendendo que a filosofia definida capacita o professor a explicar o conteúdo, levando ao patamar de relevar os exemplos trazidos pelos alunos em aula como exercício de interpretação de suas vidas, tornando o ato filosófico importante aos olhos dos alunos

30 Gallo, Silvio p.32

31 Gallo, Silvio p. 25

e construindo autonomia reflexiva neles, a última categoria que é a percepção da vivência como problemática se configura como o passo ideal. Todo estudante replica o que admira, tais como discípulos que repetem as palavras do mestre até o momento que encontram uma questão que não foi abarcada pelo raciocínio original, nesse momento o que temos é a possibilidade de uma autonomia construída. A inevitabilidade da interpretação da vivência ocorre quando o professor consegue descrever algo que se comunica com o aluno e o aluno a partir dessa descrição começa a construir a sua autonomia reinterpretando a própria vida, porém, construir autonomia é apenas o primeiro passo, o que necessitará de mais uma etapa, experienciar o raciocínio do professor até seus limites, ao ponto de perceber que os conceitos de outros não abarcam os seus próprios problemas. Logo para a conclusão desse passo podemos deduzir no mínimo três possibilidades, ou ignorar os próprios problemas e assumir apenas os problemas de outros que se melhor encaixam ao argumento do professor, ou ignorar todos os raciocínios e problemas abandonando a consciência autônoma, ou assumir o problema buscando por si mesmo os argumentos que melhor se encaixam formulando o próprio raciocínio.

Independente das opções disponíveis o que importa é perceber que toda e qualquer vivência é uma geradora de problemas que podem ser analisadas pela filosofia, algo que não evita a confusão, mas busca nela o verdadeiro exercício filosófico “um exercício de desestabilização, de saída da falsa segurança na opinião e de mergulhar no caos do não pensamento para, pensando, produzir equilíbrios possíveis, sempre instáveis, sempre dinâmicos”³²

4.4 O jogo

32 Gallo, Silvio; p. 25

Outro critério que levou Silvio Gallo a escolher a filosofia deleuziana como discussão metodológica sobre o ensino é a “definição aberta” de filosofia³³, algo que suporta múltiplas definições devido ao trato especial com os conceitos, o que parece garantir que virtualmente toda a produção filosófica é abarcada³⁴, se assim é, então o ensino de filosofia deleuziano pode ser utilizado para trabalhar o conceito de Jogos de Linguagem³⁵ de Wittgenstein, correto?

O limite entre Wittgenstein e Deleuze está no pensar a linguagem, para Deleuze, e esse é um ponto importantíssimo na obra de Silvio Gallo, os conceitos são montados a partir dos problemas, porém o problema possui características peculiares, tais como ser da ordem sensitiva; é um acontecimento e portanto é imprevisível, caótico e impossibilita qualquer método que guie a um “falso problema”; sempre é uma singularidade nunca podendo ser generalizado; desafia a construção de uma resposta nova ao pensar no desconhecido; e não pode ser enunciado linguisticamente, pois a palavra transforma o problema em uma expressão de ordem retirando sua característica de problema³⁶, sendo esta última característica a mais complicada de ser contornada, pois se a “pedagogia do conceito” depende da apresentação de conceitos que em si mesmo carregam os problemas originais e o embrião de novos problemas³⁷, todo tipo de problema que possa ser usado como exemplo de caminho a ser percorrido até a criação de um filósofo sempre é um conceito e levando até as últimas consequências, qualquer enunciação desde a tentativa de explicar até uma definição menos rigorosa como dizer simplesmente que ele existe é uma substituição do problema real, assim dizer que o problema é uma ordem anterior a linguagem parece ser um contrassenso a todo o esforço de escrita feito até aqui. Todavia, é inegável que os problemas que importam a um filósofo não são os

33 Idem. p.40

34 Idem. p.40

35 Coleção os Pensadores, Wittgenstein, p.32

36 Idem. p. 72 a 76

37 Idem. p.55

mesmos que importam a outro, se tem algo que a experiência em sala de aula pode ressaltar é que a empolgação de uma turma por um determinado assunto não é porque o professor conseguiu transmitir a própria admiração a eles, o questionário do subtópico I na sessão 2.2 desta monografia pode ser um forte indício de que Deleuze não está errado ao definir o problema como algo não expressável, já que quase todos os alunos possuem admiração pelos professores, no entanto nem todos expressam a mesma coisa a respeito da filosofia³⁸, claro que isso pode ser interpretado como uma questão de gosto ou afinidade curricular, porém nenhuma destas duas questões está aquém ou além da experimentação sensitiva do problema, assim dar aula envolve questões extralinguísticas, porém, através de Wittgenstein é impossível interpretar o trabalho do professor, expressar satisfação ou insatisfação, sem que com isso não haja a criação de um vocabulário, tão logo a própria apresentação de um novo conceito é a apresentação de um novo vocabulário, em outras palavras, dar aula de filosofia é inserir cada estudante em um jogo de linguagem, nas palavras de Wittgenstein: “Chamarei também de ‘jogos de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”.³⁹ Ora, se o problema está interligado de alguma maneira ao conceito, ou até mesmo a busca pelo conceito, ele deve ser interpretado como uma atividade linguística também, doutra maneira o termo “problema” não pode ser descrito na obra de Deleuze.

Apesar de toda articulação para “enquadrar” Deleuze há de ser notado que Jogos de Linguagem é um conceito e carrega consigo problemas e mesmo que isso nos leve ao patamar de argumentação circular Silvio Gallo parece acertar ao dizer que a definição deleuziana engloba virtualmente toda a produção filosófica, aqui a comparação com um jogo está no raciocínio que guia Wittgenstein a primeira delimitação do conceito ao criticar Agostinho por sua apresentação da linguagem em um trecho da obra Confissões, a

38 Tabela de respostas : <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MjWLiGVMVQA7LIUPSb-1BJ-pxcHXEv1n-F4gCUu8IaI/edit#gid=1007717601>

39 Coleção os Pensadores, Wittgenstein. p. 30

questão não é se Agostinho errou em sua descrição sobre a linguagem e sim se a definição abarca toda a complexidade do que é linguagem, “É como se alguém explicasse: Jogar consiste em empurrar peças segundo certas regras em uma superfície”⁴⁰, como deslocamento a descrição de jogo pode ser utilizado para a definição de aula de filosofia, alguns podem garantir que uma boa aula é ler textos, abrir debates, botar seus alunos para produzir, no entanto uma aula não é apenas exposição de conteúdo, as habilidades requeridos ao final de um semestre não podem ser apenas o replicar conteúdos, explicar um conceito pode ser o suficiente para tirar uma nota dentro de uma avaliação, mas se o papel do professor é exclusivo para os objetivos avaliativos da escola e dos planos nacionais, talvez fique claro porque a filosofia é tão perseguida, porque pensar é incômodo, antinatural e abre o leque para diferentes níveis de ‘jogos’. Empurrar uma peça dentro de um campo delimitado é apenas um dos jogos, existem vários outros que para serem levados a sério apenas precisam do vocabulário, ou melhor, do conceito correto.

Aqui escolher o conceito correto demanda experiência tanto com a filosofia quanto com docência para que o ambiente de sala de aula seja o local onde os “jogos começam”, deste modo buscar uma definição de filosofia é se inserir no jogo do ensino filosófico e capacitar os discentes a se inserirem também, ofertando a eles todas as possibilidades de construção autônoma, tanto para aprender a jogar em qualquer jogo quanto para construir o próprio jogo.

O objetivo é que a entrada de Wittgenstein ou de qualquer outro filósofo não é para debater com Deleuze, mas para estimular uma proposta ainda que imatura a respeito de um ensino de filosofia que não é só a apresentação de conceitos, mas uma rinha entre pensamentos. A filosofia ensinada como um estímulo interpretativo que ganha força conforme a história é contada através de diferentes debates, não somente como resposta

40 Coleção os Pensadores, Wittgenstein. p. 28

aos grandes temas da humanidade, mas como uma apresentação de diferentes vocabulários que auxiliam na manutenção da proposta através de diferentes discussões. Uma aula de filosofia que não gera incômodos, experimentações, admirações, indagações é uma aula de qualquer outra disciplina, a proposta de tornar a filosofia em sala de aula um jogo entre filósofos é o melhor estímulo para que o estudante perceba que não há pensamento sem ideologia e pressupostos, pois todos estão localizados em algum jogo.

5. Conclusão: Hoje

O sentido desta monografia está resguardado na importância do tempo, quando pensamos em termos verbais, passado, presente e futuro são células de expressão que carregam consigo um sentido profundo de fluxo incontrolável. Olhar para a experiência da Residência Pedagógica do ponto onde estou é refletir sobre mudanças em um tempo outro, pois não estou visitando o passado e minhas reflexões hoje não significam perspectivas futuras, elas não ocorrem enquanto escrevo, mas foram traduzidas enquanto cada palavra era escrita. Rememorar os anos de 2018 e 2019 parece ser uma visita a outro mundo, sem máscaras, sem álcool em gel, sem aulas obrigatoriamente virtuais e com calendários acadêmicos acertados com a contagem cronológica ocidental. Estar no hoje é perceber peculiaridades, para citar uma, a convergência do trabalho, lazer e consumo, em um aparelho que proporciona existência virtual, mudando a realidade, para consumir, trabalhar ou relaxar, basta ter o aplicativo certo, a pior parte é perceber que quem não possui acesso a esse mundo virtual não possui existência garantida e pensando nos estudantes que possuíam algum resquício de existência dentro do ensino público passam a equivaler a nada caso eles não consigam um aparelho que garanta a “cidadania virtual”, com base nisso o problema da introdução pode ser encarado aqui novamente: O que é mais urgente para ser ensinado em filosofia hoje?

Entre questões éticas, lógicas e metafísicas, todos os alunos estão dispostos a escutar uma aula que lhes faça realmente pensar, principalmente no agora, todavia a proposta de Tempo Filosófico definitivamente não é uma proposta para opiniões imediatistas hipermodernas, a proposta que tenho carregado até aqui é a de que o

objetivo de toda aula de filosofia é proporcionar profundidade consciente no se relacionar com o tempo, não para que o aluno tenha um momento de “viagem nas ideias” e vá embora para sua casa como se o mundo permanecesse o mesmo, mas para que cada estudante construa em si uma experiência autônoma no pensar, não delegando suas reflexões a outros, mas agregando valor ao que eles já conhecem a partir daquilo que ainda não conhecem.

O verbo filosofar é entrar no incontável e buscar nele o equilíbrio dinâmico entre conceituações não eternas, tudo que há no mundo, agora, até onde podemos deduzir, é temporário, assim, o tempo não precisa ser o deus que consome os nossos, inclusive, pode-se ter uma relação profunda de investigação em um tempo nomeado como suficiente, sem a presença da frustração como se tudo fosse uma perda de tempo. A importância de compreender a aula como um momento de jogo é exatamente uma relação de divertimento com o tempo, um jovem que está entretido jogando não está tão preocupado com o tempo, ele não quer perder mais ou menos tempo, ele quer dedicar o que acredita ser o suficiente, nem que o suficiente seja quando ele estiver cansadíssimo, logo tanto como no jogo quanto no aprendizado o imediato não é o importante, por mais que tenhamos aulas gravadas que podem ser assistidas pela metade do tempo da gravação, as reflexões e as ideias que uma aula proporciona não devem ser alvos de uma sistematização barata de explicações curtas, a aula de filosofia, definida, inevitavelmente reinterpreta a vida quando o professor oferta as mesmas ferramentas que um dia fizeram ele pensar como ele pensa agora.

Não quero com o exemplo do jogo dizer que a aula precisa ser uma apresentação humorística, o divertimento de um jogo está no se relacionar com os objetos e outros jogadores, um jogo que não garante liberdade de movimento é tedioso, assim como uma aula que não garanta autonomia é apenas mais uma fórmula para ser decorada ou um

monólogo a ser assistido. O hoje traz consigo reflexões que não estão apenas no agora, tão logo o que há de mais urgente para ser apresentado pela filosofia é, a meu ver, através de toda essa minúscula experiência que consegui adquirir, é o trabalho de interpretação anacrônica, a liberdade de pensar o tempo com as ferramentas de outros tempos, sendo esse o momento em que o aluno e o professor se conectam em uma existência que não precisa de reconhecimentos externos, um momento em que mesmo aqueles que só podem assistir aula pegando a internet wi-fi do vizinho se sentem contemplados com a possibilidade de uma vida profundamente valiosa por possuir uma experiência única que agrega valor aos problemas e conceitos filosóficos apresentados, isso não é terapia de grupo, não é para que os alunos compartilhem suas vidas como se o professor fosse um psicólogo disposto a ajudá-los, é espírito crítico, é fortalecimento autônomo e a demonstração de que a filosofia não é feita de questões distantes da realidade, mas feita com as questões que todo ser humano passa, incluindo os alunos.

Bibliografia

Livros

GALLO, Sílvio; Metodologia do Ensino de Filosofia: Uma Didática para o Ensino Médio. Campinas, SP: Papyrus, 2012

GOLDSCHMIDT, Victor; A Religião de Platão Trad. IEDA e Oswaldo Porchat Pereira, Difusão Europeia do Livro, São Paulo; 1970

WITTGENSTEIN – Coleção os Pensadores, Ed. Nova Cultural, 1999

Sites

1. <https://uab.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> Acesso, 10 de abril de 2021

2. <https://uab.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica> Acesso, 10 de Abril de 2021

3. Deputada estadual do PSL incita alunos a filmar e denunciar professores, G1, 2018.

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/deputada-estadual-do-psl-eleita-por-sc-incita-alunos-a-filmar-e-denunciar-professores.ghtml>>

Acesso em: 14 de maio de 2021

4. Mourão Critica Ensino de Filosofia e Pede 'Matérias Mais Importantes', Correio

Braziliense, 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/09/18/interna_politica,706738/mourao-critica-ensino-de-filosofia-e-pede-materias-mais-importantes.shtml>

Acesso em: 14 de maio de 2021

5. Bolsonaro Defende Cortes em Cursos de Humanas diz que Dinheiro do Contribuinte

Deve Ir para 'leitura, escrita e fazer conta'. O Globo, 2019. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que-dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escrita-fazer-conta-23623980>> Acesso em: 14 de maio de 2021

6. BETIM, Felipe. Campanha “Anti-Doutrinação” Contra Professores Eleva Estresse Em Sala de Aula. Elpais, 2020. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html> Acesso de maio de 2021